

RESENHA

OS VESTIBULARES E A RURALIDADE BRASILEIRA

A SELEÇÃO DOS PRIVILEGIADOS

de Dulce C. A. Whitaker
Coleção Revelações, Semente,
São Paulo, 132 p.

O livro de Dulce Whitaker apresenta uma análise do fenômeno "vestibulares" dentro das implicações culturais geradas pelo tipo de urbanização do Brasil: ao mesmo tempo em que se dá a conhecida "seleção dos mais aptos" através das classes sociais, há uma outra seleção, aquela que envolve a integração maior ou menor do estudante e sua família na ordem urbana-industrial.

A tese principal defendida pela Autora é a de que o chamado "baixo nível" verificado em certos setores da juventude brasileira nas nossas Universidades é o resultado da recente urbanização de grandes parcelas da população. Existem, para a Autora, evidências de que, devido ao fato de a sociedade brasileira só muito recentemente deixar de ser rural, a nossa juventude, cujos avós e pais têm tradição rural, apresenta uma cultura deslocada para o bom desempenho nas tarefas do vestibular e universidade onde o código requerido é o da cultura Ocidental dita racional.

A Autora divide seu trabalho em sete capítulos. O primeiro capítulo, *O Problema*, descreve as evidências dos resultados do Vestibular FUVEST em 1978, as diferentes opiniões sobre o nível intelectual dos estudantes as quais são observadas tanto através de estudos sobre redação de vestibular (CESCEM/76), como através da Imprensa paulista. Consta que a discussão sobre a "queda de nível" contém aspectos ideológicos que contribuem para mascarar as origens do problema.

Com a finalidade de entender o problema propõe investigar as condições em que ocorre a escolaridade no Brasil, o que ela faz no 2º capítulo, *O Quadro Urbano Industrial* e no terceiro, *O Quadro Escolar*. Explicita que a intensidade da urbanização brasileira se expressa num certo tipo de demanda por escolaridade. Diz ela que "... os grupos que têm maior expressão política manipulam o atendimento escolar e este tem um crescimento mais "vertical" que "horizontal" ...", isto é, atendem mais aos desejos dos estratos médios e altos urbanos, os quais estão vinculados à lógica do industrialismo e da burocracia, do que às necessidades das chama-

das populações marginais urbanas. A escola aparece assim como representante da nova sociedade urbana industrial. Alcançá-la significa integrar-se na nova ordem, vencer o velho sistema agrário, urbanizando-se. Daí, certo tipo de aspiração e motivação da população e nosso distorcido sistema de ensino, onde houve um crescimento maior dos níveis mais altos de escolaridade que nos de base, primários.

O quarto capítulo contém a hipótese central do trabalho, qual seja: o fato de a expansão das oportunidades educacionais ter levado às portas da Universidade estudantes pouco dotados de "Capital Cultural" é, para a Autora, resultado tanto do tipo de urbanização e industrialização da sociedade brasileira, como de desagregação da sociedade patrimonial, o que tem ocasionado "... perda de uma herança cultural de bases rurais, sem que tenha completado a aquisição da cultura erudita de bases ditas racionais ligada ao desenvolvimento científico e cultural do Ocidente". O chamado "baixo nível" do estudante universitário será pensado à luz dessa hipótese que foi sendo construída no curso dos três primeiros capítulos.

O quinto capítulo, básico nesse livro, vai interpretar a partir dessa hipótese central os dados que a autora obteve tanto em estudos abrangentes sobre vestibulares no Brasil como sobre pesquisa feita por ela na Alta Sorocabana. Assim, mostra muito claramente que há uma relação entre vida urbana e desempenho dos candidatos à Universidade, isto é, quanto maior a experiência urbana do candidato, tanto melhor seu desempenho no vestibular. Observa que, além do processo de seleção feito pela situação de classe social, existe outro que é desencadeado pelos graus de experiência não urbana do candidato. O fraco grau de urbanização afeta todas as classes sociais, mesmo as de famílias das camadas altas que estão econômica e socialmente ligadas ao mundo rural. Desta maneira, torna-se compreensível a constatação do sucesso relativo de filhos de trabalhadores manuais nos vestibulares. O fato disso acontecer mais com jovens de cidades do interior, cidades médias, do que na capital, explicita as relações entre sucesso escolar, classe social e cultura urbana, uma vez que na capital as barreiras de classe social são mais sentidas.

A Autora discute a relação Urbanização e "Capital Cultural" tendo em vista a realidade brasileira, evidenciando que as raízes rurais dos pais e dos avós dos vestibulandos é mais uma dificuldade no desempenho do vestibular. Para a Autora, não houve tempo ainda de a educação informal, transmitida pela família, trabalhar no mesmo sentido que a escola urbana.

No sexto e penúltimo capítulo, *O Vestibulando e o Problema da Cultura no Brasil*, a Autora defende de modo bastante fluente sua tese principal. Para tal, analisa a incorporação desigual da cultura dita racional na sociedade brasileira, indica que somos ainda um país onde os códigos rurais são vivos e presentes. Nessas circunstâncias, a cultura racional moderna é vista como uma "sub-cultura" dentro de nossa essencialidade ainda rural. Todavia uma subcultura que tem sido hegemônica no tocante às esperanças do futuro de nossa população: é preciso conseguir um lugar no futuro! Assim, através de sua juventude, a população brasileira, na busca de

viver o seu tempo, violenta-se para decifrar em pouco tempo um código estranho: o código urbano, a cultura legítima. O insucesso da juventude brasileira no vestibular, o mau preparo do jovem universitário, são para Dulce Whitaker resultado de nossa história particular, onde não tem existido a necessária liberdade por parte da cultura brasileira dominada, para assimilar o "arbitrário cultural dominante", o que transforma o processo educacional num penoso processo de aculturação.

Nas *Considerações Finais* de seu trabalho, Dulce Whitaker enfatiza que, a despeito do caráter essencialmente urbano da cultura da escola, não são somente os jovens das famílias mais cultas, porque mais urbanas, que chegam ao curso superior. "Se assim fosse, não teria havido um crescimento de 497% nesse nível de ensino na década de 1960".

Os estudantes de menos cultura urbana reformulam aspirações e acomodam-se em cursos de menor prestígio. Essa possibilidade dentro do sistema educacional brasileiro serve a um conjunto de interesses: ao

aluno em busca de posição social e econômica, ao professor em busca de complementação salarial e ao Estado que necessita dar conta das aspirações da classe média.

O trabalho de Dulce Whitaker interessa a todos os envolvidos direta ou indiretamente com o processo de educar e transmitir conhecimento. Coloca inúmeras questões e sugere caminhos para se pensar o dilema educacional brasileiro dentro de uma perspectiva legítima, a perspectiva da cultura brasileira. A sensibilidade com que Dulce Whitaker trata de uma questão aparentemente simples como a "queda de nível" do jovem universitário brasileiro, esclarecendo nessa análise questões maiores e cruciais, como por exemplo, a quem serve a Educação brasileira, indica um importante caminho que temos que percorrer na Sociologia brasileira se quisermos ter a chance de entender mais os problemas de nosso tempo: estudar o fenômeno social através de sua perspectiva cultural.

Maria Angela D'Incao